

A pintura de Fernando Augusto: o mar, o amor e a morte

A primeira impressão que se pode ter diante da pintura de Fernando Augusto na exposição “Aparelhos”(em cartaz na Galeria Homero Massena, no Centro de Vitória) é algo que é da ordem da estranheza, a mesma que se pode ter lendo um conto de Edgar Allan Poe.

Há algo como uma apresentação surda do mar e da morte. Um mar não totalmente identificado como sendo mar., mas que tem algo marítimo, e que pode ser associado ao desejo. Como o desejo, o mar vai e vem, tem seu cuspe de espuma, sua ejaculação e depois sossega, desliza sobre a areia, quase que tranquilamente. Mas o que passa aí não é exatamente a idéia de uma onda, e sim algo que é mais de ordem do caos, como uma sopa primitiva; melhor: primeva.

E se pensarmos ainda no cheiro do mar, cheiro de podridão gostosa e sal, é possível pensar nos primórdios do nascimento da vida na fase negra da alquimia: a putrefação necessária do surgimento das formas.

Na pintura de Fernando Augusto, as formas surgem nesse mar; são espécies de barcos, caixas, caixões até, talvez, formas de paralelepípedos que o título, às vezes, realmente liga ao caixão: “Enterro no Mar”. Há, pois, uma associação mar/morte, o que de certa maneira é um pouco contraditório ao que foi afirmado anteriormente, quer dizer, o mar como origem da vida.

Mas a arte não respeita o princípio de não-contradição: na arte, uma coisa pode ser ela mesma e o seu contrário, o que mostra que não estamos na ordem do $2+2=4$. Estamos num espaço- tempo unitário que desfaz a velha dialética, o transtorno bipolar do pensamento ocidental = bem/mal, macho/fêmea, espaço/tempo, corpo/espírito, etc.

Essas paisagens marítimas são, na verdade, paisagens metafísicas, porque há nelas uma estranheza transcendental. O que surge ali não é o rosto liso-limpo de uma madona ou a iluminação sofrida de um Cristo. Estamos na ordem do ser, mas não um ser tétrico, “sujo”, e que é tão tétrico que nem rosto tem- o que é o fino do tétrico, porque a ausência de um rosto é algo que supera em estranheza todas as carrancas dos barcos do Rio São Francisco ou dos *drakkars* vikings. É assim como olhar um cego, olhos nos olhos: há o olho, mas não há o olhar. É a sensação de uma ausência fria que pode ser a presença da morte. Não é por acaso que um dos quadros de chama “Enterro no Mar”.

E o mar e a morte têm isso em comum, são pretos e azuis. Aliás, o azul que domina nos quadros de Fernando Augusto é o azul ultramar, que lembra o belo azul das pinturas monocromáticas de Yves Klein. E o nome dessa cor já diz tudo, é o mar do

mar, o *nec plus ultra* do mar, a essência, algo que se desdobra sobre si até o infinito, o infinito abissal, o transfinito da matemática. O mar é um cálculo de infinitos.

E esse ultramar casa naturalmente com a morte ou casa logicamente com a morte; por quê? Porque a morte, assim como o mar, é um além, uma espécie de procuração assinada no escuro, que remete a instâncias desconhecidas, mas que atua na realidade imediata com um determinismo rigoroso que pode lembrar o mecanismo de uma máquina, de um aparelho.

Por isso que, no segundo andar da exposição (não se esqueça de ir lá), há “os aparelhos” que lembram desenhos de Antonin Artaud e Henri Michaux, dois poetas-escritores que estabeleceram um pas-de-deux entre escrita e desenho/pintura.

Esses aparelhos não são realmente máquinas - no sentido de um carro ou de uma televisão- , porque há nelas algo que lembra uma instância biológica, orgânica. Isso nos faz pensar nas “máquinas desejanter” de Deleuze/ Gattari, porque o orgânico tem seu automatismo, seus reflexos, e se, às vezes, a relação entre corpo e psique não é unidimensional, quase sempre há uma espécie de buraco que deixa passar os automatismos.

Mas esses “aparelhos” podem induzir-nos numa outra direção e que, longe de ser um corpo-máquina (Descartes) seria, ao contrário, um corpo espiritual, divino até. A máquina do Divino, o que lembra o Deus *ex machina* da metafísica ocidental. Um Deus-engenheiro que, constrói matematicamente a máquina do mundo (Carlos Drummond de Andrade).

Como associar essas máquinas-aparelhos meio orgânicas com o mar e com a morte? Será que há uma relação? Por enquanto vamos analisar “os aparelhos”. Um aparelho é uma extensão da habilidade técnica humana. O homem é “homo-saber”, mas é também “homo-faber” – o homem que fabrica através de seu saber. É o saber-fazer, o *savoir-faire* dos franceses, o *know-how* dos anglo-saxônicos.

O aparelho é, pois, quase quase uma metáfora do homem, porque, ao contrário dos animais, o homem fabrica: ele muda a própria natureza, ele a domina (parcialmente) através do seu conhecimento e sua técnica (saber e saber-fazer). Mas acho que esses aparelhos de Fernando Augusto não têm esse caráter prometéico do conquistar o mundo (como queria Descartes), mas um caráter biológico marcado, como se nós estivéssemos no limite entre organismo e aparelhos.

Há, pois, além da tecnologia exterior (carro, televisão), uma tecnologia interior que, talvez, pode incidir na própria psique. Se há uma bioengenharia, porque não poderia haver uma psico-engenharia? O que Fernando Augusto mostra é algo que é dificilmente percebido, que o mundo dos aparelhos e o mundo dos organismos têm algo em comum: a função.

Parece que, nesse mundo pictórico do artista, não há muito espaço para algo que poderia ser qualificado de liberdade. Diante do mar, há um forte cheiro, e é um cheiro

de destino e de morte, já que no mar ou você sabe nadar (o saber bem-fazer) ou você morre. É o *fatum* dos gregos, um povo, aliás, que sempre olhou mais para o mar do que para a terra. E há essa noção de Campo Santo e de que o mar como fonte de morte é fonte de ser, é uma secreção do ser.

Não há nenhuma complacência diante da morte. Paradoxalmente, há algo que toca numa inocência infantil – no sentido de uma sabedoria infusa das crianças que brincam o tempo todo com a morte. E, assim, essa é retratada da única maneira possível: com um certo pudor, em filigrana, como algo que está aqui, mas cujo rosto fica para sempre invisível.

Uma das virtudes estéticas de Fernando Augusto é que sua pintura não enfeita a nudez suja da morte. Mas o paradoxo é que o sujo some no caminho pictórico e nós, que olhamos, ficamos com a beleza, uma certa beleza que dá medo, mas dá um gozo estético superior a todas as flores decorativas. Fernando Augusto, como Artaud, pinta o osso, mas, ao contrário de Poe, ele não se prende ao carnaval da morte (que é um dos aspectos dessa). Ele vai logo até o osso da morte.

A beleza presente na pintura de Fernando Augusto tem um lado tétrico, mas de uma maneira insidiosa, oblíqua, não-carnavalizada: sutileza de uma corte de escalpelo na pele fina de nosso espírito de fineza (para os que tem).

Essa beleza faz surgir algo infinito como o mar, e a morte não nos afasta dela. Ao contrário, uma é caminho para a outra: a beleza é mortífera, a morte é beleza. Na confluência das duas se pode colocar uma mulher e o cheiro marítimo das conchas de seu sexo (há um nu feminino de pernas abertas que é esse convite marítimo). A mulher está na intercessão do mar e da morte. E se Vênus, a deusa do amor, nasce do mar, exatamente de espuma do mar, é que ela é, ao mesmo tempo, a vida prolífica do mar e a morte, já que, dando a vida, como toda a mulher, ela dá de presente a morte, sua consequência incontrolável. O amor na pintura de Fernando Augusto não é explicado, mas ele está lá, embutido no mar e na morte.

E, talvez, há algo mais: algo da ordem do sacrifício, porque os barcos-túmulos deixam sair deles, assim como os petroleiros, um sangue preto, uma espécie de hemorragia moderada, mas que está ali como sangue ruim (Rimbaud), ou, ao contrário, como algo que seria encostado na noite do Ser, porque ninguém escapa do mar e da morte.

Gilbert Chaudanne, escritos e pintor.

A GAZETA Vitória (ES), sexta-feira, 18 de abril de 2008